OS IMPACTOS DO AUTISMO NA FAMÍLIA

Autor(res)

Leividiane Dos Reis Ferreira
Juliana Marques Lucio
Luliane Tavares Da Silva
Jeremias Da Conceição Silva Ramalho
Stefane Gonçalves Silva
Vanda Barbosa Brito Soares
Luciana Da Costa Lima Santana

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA

Introdução

O presente estudo pretende abordar os impactos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na família, refletindo sobre as relações familiares a partir de duas vertentes principais: o levantamento teórico sobre o tema e a exploração de fragmentos de autobiografias de famílias de crianças com TEA. Tal abordagem permite uma análise mais ampla, que não se limita aos aspectos clínicos do transtorno, mas que considera também as vivências subjetivas de cada núcleo familiar, evidenciando como a experiência do autismo ultrapassa o indivíduo diagnosticado e se estende ao ambiente em que está inserido.
Nesse sentido, o trabalho busca estudar a interação da criança com TEA no contexto familiar, revelando como a subjetividade da criança e as relações familiares se impactam mutuamente. Ao propor essa reflexão, almeja-se ampliar o horizonte das pesquisas existentes e lançar novas luzes sobre o cuidado e a escuta de toda a família, valorizando sua participação no processo de desenvolvimento e inclusão da criança. Além disso, a pesquisa considera ainda a contribuição de profissionais como psicólogos e psiquiatras, que atuam diretamente no cuidado e na atenção às famílias, oferecendo suporte técnico e emocional.

Objetivo

O objetivo geral consiste em compreender como a presença do TEA exige adaptações e estratégias de enfrentamento, além de apontar as necessidades de apoio e acolhimento dos familiares. Mais especificamente, objetiva-se analisar os principais desafios enfrentados pelas famílias de pessoas com TEA, verificando como as demandas do transtorno interferem na rotina e na dinâmica familiar. Pretende-se, ai

Material e Métodos

A pesquisa adotará como metodologia a revisão bibliográfica, a fim de levantar os principais conceitos e estudos já produzidos sobre o tema, e a entrevista semiestruturada, com o objetivo de coletar percepções e experiências de participantes diretamente envolvidos. A combinação dessas técnicas permitirá confrontar os dados teóricos com as

evidências práticas, garantindo maior profundidade e confiabilidade às análises.

Resultados e Discussão

A análise das entrevistas, aliada à revisão bibliográfica, mostrou que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa um divisor de águas para as famílias, provocando sentimentos ambivalentes. Enquanto algumas relataram choque e medo diante das demandas que surgiam, outras expressaram alívio por finalmente obterem uma explicação para os sinais já percebidos. Esse cenário confirma o que Schmidt e Bosa (2003) descrevem como a vivência inicial marcada por choque, negação, mas também por esperança.

No âmbito da dinâmica familiar, observou-se a necessidade de reorganização das rotinas e redistribuição de responsabilidades, refletindo no trabalho, nas relações conjugais e até no convívio entre irmãos. Esse achado reforça a ideia de que o TEA impacta não apenas a criança diagnosticada, mas a estrutura do lar como um todo (CAMARGO; BOSA, 2009).

Do ponto de vista emocional, os relatos revelaram sentimentos de culpa, exaustão e tristeza, mas também orgulho e alegria diante das conquistas do filho. Essa “montanha-russa emocional” é descrita por Mendes, Fávero-Nunes e Santos (2011) como característica da experiência parental frente ao TEA, em que a sobrecarga convive com momentos de satisfação.

A dimensão financeira destacou-se como um dos principais desafios: os custos com terapias, transporte e materiais específicos exigem renúncias e dificultam o equilíbrio familiar. Estudos apontam que a falta de cobertura adequada e a fragilidade das políticas públicas intensificam essa sobrecarga (MELLO; SCHMIDT, 2019).

No campo social, foi relatado tanto o afastamento de amigos e familiares quanto a dificuldade de frequentar ambientes coletivos em razão do comportamento da criança. A literatura confirma que o isolamento e o preconceito ainda são barreiras significativas, acentuadas pela falta de informação social (SILVA; MULICK, 2009; APA, 2014).

Quanto ao apoio, destacou-se a importância do acompanhamento psicológico, de escolas inclusivas e de redes comunitárias. Contudo, ambas as famílias apontaram a burocracia e a insuficiência dos serviços públicos. Oliveira e Araújo (2017) ressaltam que redes de apoio bem estruturadas funcionam como fatores de proteção, promovendo adaptação e qualidade de vida.

Apesar das dificuldades, emergiu nos relatos um aspecto positivo: a resiliência. As famílias destacaram que, embora a rotina seja exigente, a convivência com a criança trouxe crescimento pessoal, fortalecimento dos vínculos e a valorização da singularidade de cada indivíduo. Esse dado corrobora Bosa (2006), que aponta para a possibilidade de transformação e amadurecimento diante do TEA.

Dessa forma, os resultados evidenciam que os impactos do autismo nas famílias são multifacetados, atravessando dimensões emocionais, sociais e financeiras. Ao mesmo tempo, confirmam que cada núcleo vivencia o diagnóstico de maneira singular, ainda que compartilhe desafios comuns. Essa diversidade de experiências reforça a necessidade de políticas públicas mais eficazes, maior conscientização social e práticas psicológicas voltadas não apenas para a criança, mas para o suporte integral à família.

Conclusão

O estudo mostrou que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) impacta profundamente a vida familiar, afetando aspectos emocionais, sociais, financeiros e relacionais. O diagnóstico traz desafios e possibilidades, vividos com sentimentos como medo, alívio e esperança. As famílias enfrentam adaptações constantes, sobrecarga emocional e preconceito, mas também desenvolvem estratégias de enfrentamento e vínculos afetivos. A pesquisa destaca a importância de políticas públicas eficazes e de um olhar sistêmico que acolha toda a família, promovendo inclusão

e qualidade de vida.

Referências

APA – American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 28, supl. 1, p. 47-53, 2006.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009.

MELLO, C. B.; SCHMIDT, C. Terapias para crianças com autismo: custos e impactos para as famílias. Revista Psicologia em Estudo, v. 24, p. 1-13, 2019.

MENDES, E. G.; FÁVERO-NUNES, M. A.; SANTOS, J. L. Aspectos emocionais de pais de crianças com transtornos do desenvolvimento. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 17, n. 1, p. 147-162, 2011.

OLIVEIRA, M. A.; ARAÚJO, R. M. Redes de apoio social a famílias de crianças com necessidades especiais. Revista Psicologia: Teoria e Prática, v. 19, n. 2, p. 44-56, 2017.

ORRÚ, S. A. Autismo: uma leitura psicanalítica. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SCHMIDT, C.; BOSA, C. A. A reação da família frente ao diagnóstico de autismo. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 16, n. 1, p. 137-144, 2003.

SILVA, L. M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o autismo: um estudo de revisão. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 31, n. 3, p. 223-229, 2009.